

MARIA SEM TEMPO¹²

Domício da Gama



[8]³ Era magra, pequena, escura. Tinha a extrema humildade dos que vivem longos anos sob o céu destruidor, sem pensar ao menos em resistir à sorte, com a passividade inerte da folha que o vento rola pelos caminhos. Era assim mirrada, seca e sombria, como se tivesse perdido a seiva ao ardor dos estios, como se guardasse das noites sem estrelas o negrume cada vez mais denso. Era louca, porque só tinha uma ideia, e a criatura humana, pode não ter ideias, mas não pode ter só uma. A sua era o angustioso desassossego das maternidades malogradas. Perdera um filho e o procurava. Andava pelos caminhos para buscá-lo e só levantava a voz para chamá-lo, ansiosamente, carinhosamente: “Luciano! Meu filho!...” E escutava longo tempo por trás das cercas, no aceiro dos matos, à entrada dos terreiros das fazendas, nos desertos e nos povoados, onde quer que a levasse a sua dolorosa esperança. Aquela figura miserável, toda feita num gesto indagador, com a mão abrigando os olhos, à espreita, ou levantando o xale que lhe encobria a cabeça

¹ GAMA, Domício da. *Maria Sem Tempo*. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 1279, p.8, 55-56, 2 jul. 1927.

² Primeira publicação conhecida no livro *Contos à Meia-Noite* (1891).

³ Os números entre colchetes referem-se aos números das páginas de referência.

de cabelos hirtos, para ouvir melhor a resposta ideal, aquela encarnação de um desejo sempre iludido enturvava o esplendor do mais radioso meio-dia.

Gente compassiva, donas de casa a quem se apertava o coração ouvindo ecoar pelas estradas o seu reclamo desolador, quiseram retê-la, dar-lhe amparo e agasalho:

— Aonde vai, sinhá Maria? Fique com a gente, mulher! Por estes sóis que matam, assim ao desabrigo do tempo, o que faz uma criatura de Deus? Descanse uns dias e vá então...

Mas a louca escusava-se resolutamente:

— Não tenho tempo, minha senhora, vou ao encontro do meu Luciano, que me disse que havia de voltar. Como não tenho mais casa preciso de estar no caminho. Não vá ele passar enquanto aqui estou...

E se precipitava para fora exalando o seu grito: “Luciano! Meu filho Luciano!...”. E Maria Sem Tempo não era uma lição, nem um castigo, nem um exemplo. Se alguma coisa ela provava, era que há sofrimentos que nada provam e que nada justificam, que são, pela razão obscura daquilo que tem de ser. A sua miséria nem mesmo era trágica, porque não exclamava, não lutava, não indagava. O céu rigoroso era-lhe como um senhor cruel, que a pobre escrava não entendia e sob cujos golpes encolhia-se apenas. Vivera para ser mãe: sofria disso, como disso outras jubilam.

Quem a encontrava pelos desertos, longe de todo o amparo, às horas tristes do dia, pensava logo com piedade na solidão da sua alma. Mas, se iam falar-lhe, ela não se mostrava agradecida à sociedade que lhe queriam dar; recaía logo no seu silêncio absorto, tão ocupado pelo seu sentimento.

O meu Luciano! Dizer estas palavras era para ela o mesmo que sentir-se viva! Dizia-as alto, gritando, clamando, enchendo as grotas e os

recantos das florestas com o seu alarido de araponga louca; dizia-as baixinho, suspirando, fundindo o coração num ajoelamento de prece, na prostração suprema do supremo amor. E às vezes, caminhando horas ao longo da praia, com os cabelos sacudidos pelo vento do largo, vacilando sobre a areia branca e infirme que entontece, ela cantava ao mar em fúria a canção monotonamente sublime da sua pena sem fim.

Eles eram dois humildes e mansos e os soberbos e violentos lá de longe fizeram uma guerra para mal deles, uma guerra de tantos anos durando já que os cabelos da mulata tiveram tempo de embranquecer. E o seu Luciano sempre por lá, longe da sua velha, que só tinha a ele no mundo e que não pudera opor-se a que partisse, porque com o poder de homens, que o vieram buscar naquela noite, tinha-se juntado todo o poder celeste, estrondando numa trovoada de arrasar o mundo. Quando chegaram os homens malditos, ela estava com o filho rezando o *Magnificat*, à claridade da vela benta acesa em frente ao registro da advogada contra o raio. A voz dele tinha uma toada grave e cheia de fervor, que lhe quebrava a ela a friúra do medo no coração. Ai! não era dos raios e coriscos do céu que a pobre mulata devia recear! Num silêncio entre dois refegões de vento, bateram de repente a porta. Luciano foi abrir e logo um homem entrando, antes de dizer uma palavra, lhe foi deitando a mão. O rapaz deu um pulo, e esquivando-se, o outro gritou e a casa se encheu de gente armada, soldados, que subjugaram seu filho e o amarraram. Ela conhecia um dos homens, o que tinha entrado primeiro: de joelhos, como tinha ficado diante da santa, arrastou-se aos pés dele.

— Seu capitão, não me tire o meu filho, que não cometeu crime. Tenha piedade de uma pobre mãe...

O capitão, meio embaraçado, sem convicção, resmungou umas frases, falou em defesa da pátria, em honra nacional ofendida, dever de todo brasileiro, e não sei que mais. Mas a mulher não lhe deu ouvidos; viu que lhe tiravam o filho para a matança nos campos do Sul e desatinou de todo, a pedir, a suplicar, de rastos pelo chão, beijando os pés e abraçando pelos joelhos os seus carrascos, sem poder mais chegar ao folho das suas entranhas. O capitão começou a se incomodar com a cena e deu ordem de partir, apesar da tempestade no seu auge. Então, Maria se endireitou arquejante sobre os joelhos e viu, enquadrado pela porta aberta sobre a noite negra cortada de relâmpagos, o seu belo rapaz, que sem chapéu, de roupas rotas, mostrando o peito nu, levantava para ela as mãos algemadas, num gesto de adeus e lhe dizia com voz trêmula e sentida:

— Não se desconsolle, Mãe, que ainda hei de voltar...

Nesse instante, um fuzil cegou-a e o estampido imediato de um trovão derrubou-a por terra. Quando tornou a si, estava sozinha, no seio da noite escura. Parece que esta lhe entrou deveras pela mente e lhe apagou as últimas claridades que lá luziam. Ela se desinteressou de tudo o que ocupa as vidas mais humildes, despreendeu-se por uma inatenção absoluta dos fatos que podem servir de marca aos dias, perdeu a noção do tempo, perdeu as suas afeições menores, enclausurou-se, absorveu-se no seu único sentimento transformado em culto, endoideceu.

Como sempre fora uma pobre inteligência, a sua loucura não se caracterizou senão por uma teimosia especial, passiva, mas inflexível, uma recusa absoluta a ceder aos argumentos dos que queriam convencê-la de que o filho não andava por aquelas bandas e que não era gritando pelos caminhos que ela havia de o recuperar. Ele lhe dissera que havia de voltar...

Essa promessa lhe não deixara lugar no espírito nem para a ideia da morte. Quando lhe disseram que Luciano morrera num combate, que um voluntário, que voltara ferido, o tinha visto cair ao seu lado no campo, e ao seu lado morrer no hospital de sangue, ela sacudiu a cabeça, incrédula. A força da ideia fixa venceu-lhe a timidez natural e lhe tirou todos os escrúpulos e receios que a pudessem deter no cumprimento do seu fadário. Na abstração poética é assim um caráter heroico. Os sinais físicos de loucura estavam nos seus olhos perdidos como os de um cão de caça desatentos ou muito atentos, mas sem simpatia, e nos cabelos hirtos, eriçados, como num perene arrepio de pavor. O resto, mãos e pés de nômade selvagem, miséria profunda do corpo desprezado, fizera-o o ascetismo inconsciente da sua existência errante. A voz cantante, plangente antes, arrastava-se, apoiando demais em certas sílabas, como quem chama. E, falando baixo, tinha umas inflexões escuras, vindas mais de dentro, o tom reflexivo de quem pensa em voz alta.

Sonhava muito, quando dormia, e prolongava o seu sonho, sempre o mesmo, pela vigília. Era com o dia da volta dele que sonhava, com a hora em que, avistando-o, lhe dissesse: Bendito seja Deus, meu filho, que te torno ver! Ele abaixaria os olhos diante [55] do seu olhar carinhoso, com os seus modos tão bonitos de bom filho e depois lhe contaria o que tinha visto pelas terras longes, a história da sua ausência, as grandezas do mundo, as lindezas das outras gentes, tudo o que ela nem podia imaginar que fosse, tudo evocaria o som da sua voz, cuja lembrança bastaria para lhe encher a ela os olhos de lágrimas. E voltariam a levantar a casa arruinada, o ninho velho donde a má sorte os enxotara, a refazer a vida antiga humilde e pobre, que ela não trocava pela de uma rainha, com Luciano... Sonhava e procurava o

seu sonho, correndo as estradas. Mas não se afastava dos sítios familiares, algumas léguas de circuito, três municípios, a pátria. Mais longe já parece que a língua mudava ou pelo menos mudavam os costumes. Eram mais duros para a pobre mãe, como se ela pudesse fazer mal, ou não a entendiam e desconfiavam. Um dia chegou ao pé de uma cidade muito bonita: as casas tinham vidros, que faiscavam ao sol; nas ruas passava muita gente, toda calçada de botinas, os homens de gravata no pescoço, as mulheres de chapéus com flores, todos muito soberbos; carros e cavaleiros passavam a toda pressa, fazendo muito barulho nas pedras da calçada. Apareceram uns soldados e a pobre Maria fugiu espavorida. Era ali, sem dúvida, que moravam os que lhe tinham arrancado o seu Luciano. Disseram-lhe mais tarde que ela quase tinha estado na Praia Grande, que era para onde iam os designados para o recrutamento militar, mas que não era ali que eles batalhavam.

O invencível terror do desconhecido a impediu de ir procurar o filho nos campos do Sul. O Sul sabia ela onde era. De lá vinham as piores borrascas. E os tiros de canhão, que diziam de gala na Cidade, para ela eram batalhas mais perto, a guerra que se aproximava. Se com a guerra lhe aparecesse um dia, de repente, Luciano! Quando o ar estava pesado, o tempo de *oração*, ela escutava estremeçando o troar surdo dos canhões que salvavam no Rio, avaliando a aproximação da guerra pela sonoridade mais clara dos tiros que lufadas de aragem quente e banzeira traziam. Um dia de verão, depois do meio-dia, ela vinha subindo da restinga do mar para a terra firme. Não passava ninguém pelas estradas. O sol de fogo retorcia as folhas das árvores e fazia ferver o miolo da doida vagabunda. No grande silêncio da calma acabrunhante só se ouvia o zumbido do enxame de mutucas inoportunas, que acompanham a gente pelos caminhos, à beira dos charcos,

e o canto de galos longe. O chã escaldava; a doida movia rápida os magros pés descalços e caminhava de braços levantados, sustentando o xale acima da cabeça. Mas de instante a instante parava com um gesto de impaciência, se abaixava para atirar uma pedrada ou um punhado de areia aos camaleões cinzentos, que vinham pôr-se à beira do caminho, debaixo dos gravatás de folhas de serra e flor vermelha, e lhe faziam sinaizinhos brejeiros com a cabeça quando ela passava. Sobre a ponte do Paracatu parou para ver uma cobra verde, que se lavava no magro fio d'água que ainda corria. Depois entrou na sombra do caminho estreito, com árvores dos dois lados, um desfiladeiro entre a lagoa e a barranca de um morro a pique, e se deteve a colher os cachinhos de jatitás verdes para refrescar a boca sequiosa. Passou um cavaleiro pela estrada e no ouvido ficou-lhe a cadência do meio galope, acompanhado da toada favorita de Luciano, quando falquejava no mato:

Os olhos de Joanita

São pretos como carvão...

Fora ela que lhe a ensinara, em pequenino. Vinha de tão longe a cantiga do *Mineiro da Serra!* Vinha de antes das tristezas dela... Cerrou-se-lhe a garganta e retomou a estrada. Já ia pondo a mão à cancela do campo do capitão Rosa, quando um tiro de canhão atroou os ares; depois outro e outro e em seguida um estrondo prolongado, como de uma casa desabando. Maria Sem Tempo pensou na guerra. Chegara enfim! A artilharia destruía as grossas muralhas da casa da fazenda. Só lhe admirava aquele silêncio depois da catástrofe. Deu a volta para ir espreitar pela outra cancela, e não entendeu mais nada, quando viu a casa em pé, o gado no

campo e, na lombada do morro de Cantagalo, o eito de escravos no trabalho, manejando as enxadas, em que o sol faiscava. Ali estava tudo em paz; no céu nem uma nuvem quebrava a dureza do azul implacável: de onde vinha, então, aquele troar de canhões?

A doida aproximou-se da fazenda, mas saíram-lhe cães bravos ao encontro e ela regressou do meio da ladeira. Deu então volta ao morro pelo lado do brejo, para entrar pelo engenho. Mas, ao passar pelo caminho de dentro, [56] onde se soltavam os animais de sela e as lavadeiras estendiam a roupa a corar, parecia-lhe que ouvia deveras a cantiga do *Mineiro da Serra*, a cantiga da saudade, que lhe entrava pelos ouvidos, em vez de ressoar-lhe apenas na memória esvaída. Transpôs a curva de bambus em noites sussurrantes, e encontrou um cavouqueiro, dos que ali andavam a arrebentar pedra para construção, que descia da pedreira e vinha jantar. Maria perguntou-lhe ansiosamente:

— O meu filho? É o meu Luciano quem está cantando?

O homem respondeu:

— É o Luciano sim; mas não vá para lá agora, que ele vai pegar fogo à mina.

A doida não lhe deu mais atenção e embarafustou pelos cafezais acima. Chegando à entrada da pedreira, viu um rapaz meio dependurado de uma corda de nós, que acabava de arranjar os estopins e punha fogo à mina. Ela gritou:

— Meu filho? És tu, meu Luciano?

O Chico Macaé, que já ia marinhando pela corda acima, voltou-se espavorido:

— Meu Deus! Que faz aí, sinhá Maria? Fuja, que aí vai pedra! Corra, suma-se depressa, mulher!

E como ela estacasse atônita, ele lançou mão de uma pedra para afugentá-la. A mãe louca viu o gesto e, pondo as mãos na cabeça, despenhou-se pelo cafezal da grotta. Alguns segundos mais e a mina rebentava e Maria sentia cair-lhe em torno uma chuva de pedras miúdas, enquanto ao longo da pedreira as grandes lascas desabavam fragorosamente. Maria Sem Tempo caiu extenuada sob uma grande mangueira no meio do campo. Na perturbação da emoção profunda, todas as ideias se lhe confundiram e o desvario completo entrou-lhe na mente.

Era aquilo a guerra e era o seu filho que a fazia contra ela. O homem dissera que era ele e a cantiga não a enganara. Para encontrarem-se daquele modo tivera ela tão longos anos, penando pelos caminhos! A ideia de que pudera ter morrido aos golpes do filho estremecido, um calafrio sacudiu-a toda convulsivamente e por fim as pernas se lhe inteiriçaram. Depois, a necessidade de abandonar toda a esperança, quebrou-lhe as derradeiras forças. Uma toalha de gelo espremeu-lhe o coração num grito de agonia infinita e Maria Sem Tempo morreu.

Algumas horas depois formava-se uma trovoadá e um raio caía sobre a árvore que abrigava o cadáver. A tempestade passou e os escravos que, voltando da roça, foram ver o tronco lascado, descobriram a morta. Os respingos da chuva lhe tinham coberto o rosto de terra e os olhos esgazeados já pareciam olhar do fundo da sepultura. Um dos escravos se abaixou para os fechar, dizendo:

— Coitada de sinhá Maria! Vá que ela agora descanse de procurar o filho!...

E outro, velho, resmungou, sem saber que tão bem dizia:
— Esta morreu de ser mãe!



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur e
Rosane Velloso
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

